

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA EDUARDA DE JESUS CABRAL

**A NATURALIZAÇÃO DO RACISMO NAS RELAÇÕES
AMOROSAS VIVENCIADAS POR MULHERES
NEGRAS HETEROSSEXUAIS CISGÊNERO
BRASILEIRAS**

RECIFE- PE

2022

MARIA EDUARDA DE JESUS CABRAL

**A NATURALIZAÇÃO DO RACISMO NAS RELAÇÕES
AMOROSAS VIVENCIADAS POR MULHERES
NEGRAS HETEROSSEXUAIS CISGÊNERO
BRASILEIRAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao CENTRO
UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA, para obtenção do
título de bacharel em Psicologia.

Professora Orientadora: Carla Lopes

RECIFE- PE

2022

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 1745.

C117n Cabral, Maria Eduarda de Jesus
A naturalização do racismo nas relações amorosas vivenciadas por
mulheres negras heterossexuais cisgênero brasileiras. / Maria Eduarda de
Jesus Cabral. Recife: O Autor, 2022.

20 p.

Orientador(a): Esp. Carla Lopes de Albuquerque.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário
Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Psicologia, 2022.

Inclui Referências.

1. Mulher negra. 2. Relações amorosas. 3. Racismo. I. Centro
Universitário Brasileiro - UNIBRA. II. Título.

CDU: 159.9

Dedico este trabalho a mim mesma e a todas as mulheres negras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e aos meus guias pela minha vida, pelas oportunidades dadas a mim.

Agradeço a minha mãe e a minha irmã, por todo o apoio. E, por fim, agradeço a minha orientadora Prof.^a Especialista Carla Lopes, pelos ensinamentos e disponibilidade para que fosse possível a construção desse trabalho.

A NATURALIZAÇÃO DO RACISMO NAS RELAÇÕES AMOROSAS VIVENCIADAS POR MULHERES NEGRAS HETEROSSEXUAIS CISGÊNERO BRASILEIRAS

MARIA EDUARDA DE JESUS CABRAL

Carla Lopes

Resumo: Este trabalho tem como objetivo identificar os impactos causados pelo racismo nas relações amorosas vivenciadas por mulheres negras heterossexuais no Brasil, compreender como o racismo se naturaliza, bem como apresentar discussões teóricas sobre gênero e raça, partindo do ponto de vista de que o racismo se enraizou na construção do país. É notório como o racismo e o período escravista afetam a vida das mulheres negras até os dias atuais. Como escravizadas, essas mulheres tinham sua subjetividade negada e eram vistas apenas como bens móveis, aguentando os mais cruéis tratamentos, sendo violentadas e estupradas. O período escravista deixou consequências até hoje na vida de pessoas negras, especialmente das mulheres, que são colocadas em um lugar difícil por terem suas vivências atravessadas pelas consequências do racismo e do machismo. Verificou-se a importância da utilização de autores negros nos resultados para uma melhor construção do tema proposto. A partir da contribuição de cada autor citado ao longo do trabalho, pôde-se compreender que a construção do Brasil tem suas raízes no racismo, refletindo nas vivências das relações amorosas de mulheres heterossexuais cisgênero.

Palavras-chave: Mulher negra, relações amorosas e racismo.

Abstract: This work aims to identify the impacts caused by racism on the love relationships experienced by heterosexual black women in Brazil, understand how racism becomes natural, as well as present theoretical discussions on gender and race, starting from the point of view that racism took root in building the country. It is notorious how racism and the slavery period affect the lives of black women until the present day. As enslaved, these women had their subjectivity denied and were seen only as movable property, enduring the cruelest treatments, being violated and raped. The period of slavery left consequences up to this day in the lives of black people, especially women, who are placed in a difficult situation because their experiences are crossed by the consequences of racism and machismo. It was verified the importance of using black authors in the results for better construction of the proposed theme. From the contributions of each author cited throughout the work, it can be

concluded that the formation of Brazil has its roots in racism, reflecting on the experiences of love relationships of cisgender heterosexual women.

Keywords: Black woman, love relationships and racism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE MULHERES NEGRAS NO BRASIL ...	9
2.2 RACISMO E GÊNERO: BREVES APONTAMENTOS	10
2.3 A NATURALIZAÇÃO DO RACISMO DENTRO DAS RELAÇÕES AMOROSA.	12
3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO	13
4 RESULTADOS	14
5 DISCUSSÃO.....	16
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
7 REFERÊNCIAS	19

1 INTRODUÇÃO

A escravidão disseminou e criou raízes que funcionam como instrumento de segregação para as pessoas negras dentro da sociedade (ALMEIDA, 2018). A segregação entre negros e brancos pode ser observada em vários contextos sociais, onde o racismo se naturaliza. Para entender essa naturalização, Silvio Almeida (2018) afirma que é preciso compreender o racismo como um processo de constituição da subjetividade, cujo afeto e a consciência de um indivíduo estão de algum modo relacionados às práticas sociais. Para o autor, o racismo se constitui em um imaginário social que constantemente é reforçado pela mídia, onde o indivíduo se convence de que mulheres negras têm vocação natural para o emprego doméstico ou homens negros são vistos como marginais. Esse tipo de imaginário racista se naturaliza todas as vezes que é reforçado pela sociedade, assim, podendo atingir várias áreas da vida da pessoa negra.

Para Djamila Ribeiro (2017), homens negros são vítimas de racismo e estão abaixo das mulheres brancas dentro da sociedade, já as mulheres negras ocupam um lugar ainda mais difícil, por não serem nem brancas, nem homens. Já Kilomba (2020), indica que a branquitude e a masculinidade dificultam que a mulher negra seja vista como sujeito. A mulher negra é confinada em um lugar de subalternidade pelo olhar do homem branco e negro e também das mulheres brancas (RIBEIRO, 2017). Esse papel de subalternidade da mulher negra ganha bastante força dentro do sistema patriarcal e racista, compreendendo que tais valores são repassados de geração em geração, estruturando-se como tradição dentro da sociedade (BARTOLOMEU; MAGALHÃES E OLIVEIRA, 2022).

Nesse sentido, o estudo sobre mulheres negras se faz importante devido à desigualdade dentro da sociedade. Pessoas negras estão em situação de desigualdade em vários âmbitos sociais e a mulher negra é quem mais carrega as desvantagens desse sistema injusto. De acordo com Silvio Almeida (2018), existe um sistema econômico e político que cria uma ideia de que mulheres negras são vistas como pouco capazes; dentro desse sistema essa ideia se perpetua, mantendo-as num lugar de subemprego, recebendo baixos salários, colocando-as em condições de violência, entre outros.

A partir do que foi exposto, percebe-se que o racismo se naturaliza como meio de justificação das desigualdades raciais, agindo nesse contexto e impedindo o acesso de pessoas negras às posições de aquisição; se articulando com crenças de que elas não ocupam posição de destaque por não se esforçarem o bastante; reforçando a ideia de que mulheres negras são inferiores intelectualmente; além de colocá-las constantemente em situações de violências, sejam elas física, doméstica ou até mesmo sexual. A exemplo disso, é válido ressaltar que no sistema escravista as mulheres eram vistas como bens móveis e não tinham distinção de gênero, trabalhavam exercendo as mesmas funções que os homens negros, sendo também submetidas à violência moral, psicológica e sexual (DAVIS, 2016). Dentro desse sistema, seus sentimentos eram ignorados e elas não tinham direito de escolher para quem poderiam direcionar sua afetividade. O período escravista marcou e estruturou a imagem e as relações sociais e afetivas das mulheres negras até os dias de hoje.

Partindo desse cenário, cabe aqui destacar que esta pesquisa teve como pergunta problema: “como o racismo se naturaliza nas relações amorosas de mulheres negras heterossexuais no Brasil?”. Deste modo, tem-se como objetivo geral identificar os impactos causados pelo racismo nas relações amorosas que envolvem mulheres negras heterossexuais e como ele se naturaliza. Como objetivos específicos, destacam-se: descrever como a construção da escravização afeta as mulheres negras cisgênero heterossexuais nos dias atuais; verificar o racismo e o seu surgimento nas relações amorosas; mostrar os impactos causados pelo racismo nas relações amorosas e a sua naturalização.

O presente trabalho justifica-se a partir dos poucos estudos encontrados sobre o tema racismo voltado para as relações amorosas de mulheres negras; embora esta problemática se faça muito presente dentro das vivências delas - que são a maior parte da população brasileira. A partir de pesquisas bibliográficas publicadas recentemente, foi possível trazer uma compreensão sobre racismo enquanto processo social e histórico e processo de constituição do sujeito, onde os afetos estão ligados às práticas sociais. Nota-se, então, a viabilidade da pesquisa desse projeto para que assim seja possível incentivar outras pessoas a pesquisarem mais sobre o assunto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE MULHERES NEGRAS NO BRASIL

A infância da maioria das mulheres, de forma geral, tem seu desenvolvimento voltado para trabalhos domésticos, como brincar de casinha, fazer comida ou brincar de boneca, como reprodução de um sistema machista que associa a vida dessas mulheres a ser uma dona de casa, cuidadora e frágil. Esse tipo de educação tem se fortalecido dentro da sociedade patriarcal brasileira. Isso é internalizado nas mulheres, construindo assim sua identidade (RODRIGUES, 2021).

As mulheres negras, no passado, tinham sua identidade construída através do sistema escravista, marcado pelo sofrimento, pela exploração, pela objetificação, pela opressão e pelo desprezo. Essas mulheres foram submetidas à violência psicológica e física; também eram usadas como escravas sexuais de seus senhores. As escravas negras eram tratadas como mercadoria e propriedade dos seus senhores, portanto, não tinham escolhas.

Ainda que o sistema escravista não exista mais no Brasil, suas consequências perduram até os dias atuais, influenciando na formação identitária das mulheres negras. Logo, compreende-se que, além da limitação patriarcal imposta a todas as mulheres, as mulheres negras ainda sofrem as limitações que são fruto da estrutura racista na qual estão inseridas. (RIBEIRO, 2020).

No livro “Mulheres, raça e classe”, Angela Davis (2016) fala sobre a questão das mulheres sofrerem de maneira diferente quando se compara o que vivenciaram os homens escravizados, no período escravocrata, devido ao abuso sexual e a outras barbaridades praticadas pelos donos dos escravizados. Quanto às punições, as mulheres recebiam castigos mais violentos, pois, além dos açoitamentos e das mutilações sofridas também pelos homens, as mulheres escravizadas eram constantemente estupradas. Esse estupro era uma expressão de domínio dos proprietários sob as mulheres negras (DAVIS, 2016). Dessa maneira as construções afetivas relacionadas às mulheres negras são consequência desse sistema escravocrata que perdura até os dias atuais. A mulher negra está em constante luta contra o racismo e o machismo na sociedade, e na sociedade brasileira não é diferente (RIBEIRO, 2020).

O ponto de partida da vida das mulheres negras na exploração tem como foco a avaliação do seu papel de trabalhadora. Como escravizadas, essas mulheres tinham todos os aspectos existenciais ofuscados pelo trabalho (DAVIS, 2016). Atualmente, o trabalho ocupa um grande espaço na vida das mulheres negras devido à herança da escravidão. Muitas dessas mulheres são inseridas no mercado de trabalho ainda durante sua infância. Segundo Neusa Santos (1983), a sociedade escravista transformou o negro em escravizado, demarcou o seu lugar, a maneira de como tratar e ser tratado. É importante reconhecer essas violências ocorridas durante a escravização, para assim poder entender como ela ainda tem impactado nos dias atuais.

As mulheres negras no Brasil sempre foram associadas ao trabalho, seja na época da escravização, seja nos dias atuais. A ideia de fragilidade nunca foi associada a essas mulheres. Nesse cenário, a mulher negra não é vista como frágil, mas sim como aquela que tudo suporta. Na época da escravização, as mulheres negras eram obrigadas, muitas vezes, a deixarem de alimentar seus próprios filhos para alimentar os filhos das sinhás, por serem consideradas mais fortes que as mulheres brancas (RODRIGUES, 2021). Essa ideia é trazida como herança da escravização e se constrói no imaginário social até hoje. Em uma sociedade racista e machista, as mulheres negras estão associadas ao papel de servir. Servir os brancos, servir na cozinha ou servir na cama (RIBEIRO, 2020).

Houveram muitas transformações na configuração do corpo social brasileiro desde o fim do período escravista. Entretanto, apesar de muita luta, a sociedade continua sendo preconceituosa e opressora; as mulheres negras continuam sendo afetadas. De acordo com Djamila Ribeiro (2020), as mulheres negras são ultrassexualizadas; dentro do imaginário brasileiro é perpassada a ideia de que elas são fáceis e sensuais - por isso, estas são as maiores vítimas de violência sexual, devido a esse estigma, que é reforçado pela sociedade desde o período colonial.

2.2 RACISMO E GÊNERO: BREVES APONTAMENTOS

Para melhor compreensão acerca do racismo vivenciado por mulheres negras cisgênero dentro das relações amorosas se faz necessário comentar a cerca da origem do racismo, bem como realizar uma breve definição de raça e de gênero, que são marcadores sociais que afetam essas mulheres. Sendo assim, esse tópico

pretende abordar como o racismo surge e marca essas relações afetivas. Diante disso, é pertinente apresentar o conceito de raça, já que este possui uma grande relevância social, trazendo a compreensão de como o homem foi construído socialmente (ALMEIDA, 2019). Para Silvio Almeida (2019), a raça opera a partir de dois registros, um deles é como característica biológica, onde essa identidade é atribuída a traços físicos e o segundo é como característica étnico-cultural, onde a identidade se associa a uma forma de existir.

A partir disso, agora é possível realizar alguns apontamentos sobre o racismo. De acordo com Silvio Almeida (2019), o racismo é definido pelo seu caráter sistêmico e tem como base fundamental a “raça”, que pode se manifestar como práticas conscientes ou inconscientes. Não se trata apenas de um ato, e sim de um processo, que distribui lugares de privilégios e junto a isso exerce uma desvantagem para indivíduos, a depender do grupo racial. Essa manifestação se expressa socialmente de uma forma desigual no âmbito político, jurídico e econômico. A história do racismo está relacionada à história de formação do Brasil, começando com o projeto de colonização que desencadeou a escravização e o tráfico de negros homens e mulheres para outros locais do mundo. É nesse contexto histórico que começa a construção ideológica de poder, em que os brancos tomam sua identidade racial como padrão (VAINER, 2012).

Segundo Jessé Souza (2021), o racismo impede o desenvolvimento da autoestima, da autoconfiança e do autorrespeito, que são pressupostos em qualquer interação social. Isso acontece devido à destruição da capacidade do indivíduo de obter reconhecimento social; destruição essa que é causada pelo racismo. Souza (2021) fala, ainda, que o sujeito necessita do reconhecimento social para poder exercer suas capacidades básicas. Sendo assim, ele define o racismo como a negação do reconhecimento social, impedindo o florescimento da vida do indivíduo e, também, o desenvolvimento das relações sociais.

Por fim, é necessário apresentar outro conceito importante: o de gênero; a fim de completar a discussão deste tópico. De acordo com o livro “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir (1967, p. 9), “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Para ela, o gênero é construído socialmente, nenhum fator biológico, psíquico ou econômico deve definir a forma como a fêmea humana se assume na sociedade. Nessa perspectiva, se faz importante a apresentação do feminismo que está entrelaçado com a ideia de gênero. De acordo com Hooks (2019), o feminismo é um

movimento que surge para pôr fim no sexismo, na exploração sexista e na opressão das mulheres. A autora aponta a importância de que pensadoras feministas reconheçam a realidade de raça e o racismo, para que assim mulheres negras possam fazer parte desse movimento. Os aspectos raciais e de gênero se articulam e funcionam como base na estruturação das relações sociais no Brasil e na construção dos estereótipos da imagem da mulher negra para as relações amorosas (RIBEIRO, 2020).

Ao longo da história, as lutas em busca da cidadania marcam o movimento feminista, e aqui no Brasil o feminismo traz grandes contribuições que são essenciais na busca da emancipação das mulheres negras (FERNANDES, 2018). A partir desses conceitos é possível perceber que a mulher negra tem dois marcadores sociais (gênero e raça) que afetam seu desenvolvimento pessoal enquanto sujeito e também afetam as suas relações.

2.3 A NATURALIZAÇÃO DO RACISMO DENTRO DAS RELAÇÕES AMOROSAS

Como já visto, o Brasil desenvolveu-se a partir da colonização e da escravização de pessoas negras. A partir dessa construção, pessoas negras têm seu passado e seu presente marcados pelo período escravista. No artigo “A naturalização do preconceito na formação da identidade do afrodescendente”, Ricardo Ferreira e Amilton Camargo (2001) apontam que o preconceito racial foi construído a partir da interação de dois grupos, um grupo das classes dominantes que considerava-se superior como justificativa para dominação de outro grupo, o grupo dos negros, considerado inferior. Desse modo, o processo de construção e manutenção do racismo na sociedade foi se iniciando. De acordo com Moraes (2013), a naturalização do preconceito está na base de todos os tipos de preconceitos, sejam eles de gênero, cor, raça, ou outros fatores, antecedendo o constrangimento social, a cor da pele e quaisquer características físicas. Ou seja, tudo que se difere das normas padrões da sociedade construídas pelo preconceito foi naturalizado.

Hooks (1995), em seu trabalho, apresenta como as mulheres negras são tratadas no período escravista. Segundo a autora, as mulheres negras são vistas como corpos sem mentes, como incubadoras e geradoras de novos escravos. Segundo a autora, para justificar a exploração do homem branco sob essas

mulheres negras nesse período de escravização, a cultura branca teve que reproduzir uma representação da mulher negra como corpo altamente dotado para o sexo. Essas representações sociais se fazem muito presentes atualmente, onde a imagem das mulheres negras estão quase sempre vinculadas a servir sexualmente os homens. É possível reconhecer como discursos sobre racismo e gênero se vinculam às práticas vividas por mulheres negras dentro de vários contextos sociais. Segundo Pacheco (2013), as mulheres negras são vinculadas ao lugar do sexo, do trabalho e estão fora do lugar de afeto. Na visão do autor, as mulheres brancas são aquelas que ocupariam este lugar do afeto, da união e do casamento.

Fernandes (2018) destaca que a sexualidade e a afetividade são lugares subjetivos, mas é importante ressaltar que as singularidades que os constituem são atravessadas por questões sociais, históricas e também econômicas. A autora também traz considerações acerca da solidão vivenciada por mulheres negras, que possuem uma vivência de rejeição afetiva. Nesse sentido, Pacheco (2013) destaca a importância do reconhecimento dos discursos de raça e gênero como estruturantes. A representação social baseada na raça e no gênero, e reforçada por estereótipos, está vinculada à desvantagem de mulheres negras em relação às mulheres de outro grupo (PACHECO, 2013).

Segundo Pacheco (2013), o que configura as relações afetivas das mulheres negras é o ato sexual, motivo pelo qual elas tendem a ser procuradas, devido à ultrassexualização que sofrem dentro da estrutura social. Assim, compreende-se que a maioria dos relacionamentos afetivos estabelecidos com mulheres negras tendem a ser voltados para relações casuais, levando a uma conexão, por parte dos seus parceiros, pautada na objetificação; onde mulheres negras se deparam com a solidão afetiva.

3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O trabalho se desenvolveu por meio de pesquisa bibliográfica qualitativa. Segundo Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é feita por levantamentos de referências teóricas já publicadas em livros, artigos, páginas de sites, entre outros. Para Amaral (2007), a pesquisa bibliográfica influencia todas as etapas de um estudo, assim se tornando fundamental para todo trabalho acadêmico, podendo consistir em seleção, levantamento e outros.

A pesquisa foi realizada com base em livros e artigos encontrados nos portais Scielo e Google Acadêmico. A seleção do material foi baseada nas seguintes palavras chaves: “racismo”, “escravização”, “escravização no Brasil”, “escravidão”, “escravidão no Brasil”, “raça”, “gênero” e “relações afetivas”. Para este estudo foram utilizados trabalhos publicados no período de 2012 a 2022, escritos em língua portuguesa. Porém, alguns livros cujo ano de publicação variam de 1983 a 2021 foram incluídos, devido a sua relevância para a construção do texto.

4 RESULTADOS

Destacam-se, na tabela abaixo, os autores mais citados para a construção do presente trabalho. Foram utilizados 19 estudos entre livros, artigos, tese e dissertação. Na tabela foram citados dez estudos, apresentando uma breve descrição do material que foi utilizado para a discussão. A maioria dos autores estudados e citados na tabela são pretos, devido à relevância dos seus estudos sobre o tema proposto no trabalho.

Autor (ano)	Tipo de produção	Título	Contribuição para o TCC
Ana Lucia Rodrigues (2021)	TCC	Racismo e antirracismo no Brasil: O caso do empoderamento do feminismo negro.	Nessa obra, a autora mostra o contexto social onde se definem as lógicas que orientam o processo de afetividade das mulheres negras no Brasil.
Djamila Ribeiro (2020)	Livro	Pequeno manual antirracista.	Esta autora traz contribuições para o entendimento sobre o racismo, de modo geral, mas também trata de como este processo afeta as mulheres negras.
Joyce V. Bartolomeu; Andrea B. Magalhães e Analuci A. V. de Oliveira (2022)	Artigo	A construção de ser mulher negra num país dominado pelo machismo e racismo: revisão bibliográfica.	O trabalho citado traz compreensões sobre a construção da mulher negra no Brasil e como a cultura e a educação refletem nos padrões sociais.
Jessé Souza	Livro	Como o racismo criou o Brasil	Traz contribuições históricas a ponto de compreender o racismo e aprender a identificá-lo

(2021)			em toda sua roupagem.
Lia Vainer Schucma (2012)	Tese	Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana.	Relata a branquitude como uma construção sócio-histórica produzida pela ideia de superioridade.
Silvio Luis Almeida (2018)	Livro	O que é racismo estrutural?	Traz conceitos como racismo e raça, e contribui para a desconstrução das hierarquias raciais.
Kabengele Munanga (2009)	Livro	Negritude: Usos e sentidos	Kabengele Munanga fala sobre a construção identitária do Brasil ao longo dos tempos, englobando fatores históricos, psicológicos, culturais, entre outros.
Claudete Alves da Silva Souza (2008)	Dissertação	A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo.	Traz contribuições sobre a solidão da mulher negra na dimensão afetivo-sexual, partindo de uma concepção sócio-histórica do sujeito e das suas relações.
Mariana Barbosa de Oliveira (2019)	Monografia	“Solidão afetiva” da mulher negra: Um estudo sobre família, raça e gênero.	Trata das consequências do racismo e machismo vivido pelas mulheres negras no campo afetivo, além de trazer recortes das relações afetivas e familiares de mulheres negras.
Angela Davis (2016)	Livro	Mulheres, raça e classe.	O livro mostra, historicamente, como era a função das mulheres negras no período escravocrata e rebate os estereótipos construídos a partir das narrativas brancas com relação às mulheres negras.

5 DISCUSSÃO

É possível iniciar esta discussão dando ênfase no tema “relações amorosas de mulheres negras” e como elas são atravessadas pelo racismo, através do

trabalho da autora Alves (2008), que afirma em seu estudo que a solidão da mulher negra está ligada a história do povo negro e a construção de uma identidade social individual e grupal. Bartolomeu et al. (2022) ao falar sobre a construção da mulher negra no Brasil, indica que as mulheres são colocadas em lugares inferiores quando comparadas aos homens, dentro da sociedade, por meio da cultura patriarcal ainda existente no Brasil. Assim, a sociedade vai se estruturando de forma machista e estabelecendo um modelo de tratamento para as mulheres, onde se cria uma ideia de que os homens são superiores a elas (BUENO, 2007). A cultura preconceituosa é reforçada pelos meios de comunicação, na escola, em diversos centros religiosos, dentro de casa, e por diferentes ambientes sociais. Comportamentos e pensamentos machistas são reproduzidos e naturalizados dentro dos ambientes anteriormente citados, e assim, passados de geração para geração (BARTOLOMEU; MAGALHÃES; OLIVEIRA, 2022). A partir desse entendimento sobre o lugar que a mulher ocupa socialmente, é possível pensar através do trabalho das autoras supracitadas que questões de raça também atravessam esse determinado grupo social e o coloca em um lugar ainda mais difícil. De acordo com Bartolomeu et al. (2022), o Brasil carrega profundas marcas em decorrência do período escravista.

Para entender como as relações amorosas das mulheres negras são afetadas pelo racismo é importante citar a autora Ribeiro (2020), trazendo a este trabalho a relação - por ela traçada - existente entre o racismo, a escravização e as suas consequências, que continuam beneficiando pessoas brancas. Segundo a autora, é necessário reconhecer as violências ocorridas durante o período escravista para que assim possa-se entender como esse sistema escravocrata impacta até hoje a forma como a sociedade brasileira se organiza e como esta trata as mulheres negras. Para Ribeiro (2020), a visão colonial enxergava os corpos negros como violáveis e os sexualizavam, assim deixando de ver as mulheres como seres humanos, retirando sua humanidade. Hooks (1995) aponta como o sistema escravista gerou obstáculos quanto a capacidade do negro de amar, dificultando condições de nutrir esse sentimento. Segundo a autora, muitas mulheres sentem que na vida existe pouco ou nenhum amor. Em uma sociedade onde prevalece a cultura branca, pessoas negras foram obrigadas a se reprimir e a reprimir seus sentimentos, isso como prática de sobrevivência que perpetuou mesmo depois da escravização.

Dando ênfase na solidão e nas relações amorosas, Claudete (2008) faz observações a respeito do preterimento praticado pelo homem negro em relação às mulheres negras. Essa escolha se daria através do desejo do homem negro de ascensão social. No estudo feito por Oliveira (2019), é defendida a ideia de que os homens negros tem sua imagem vinculada ao estereótipo de homem viril, que assim lhes coloca em outra posição dentro da disputa amorosa, diferente das mulheres negras que são vistas como boas de cama e fogosas (OLIVEIRA, 2019).

Davis (2016), em “Mulheres, raça e classe”, afirma que as mulheres negras tinham aspirações de casar e seguir o padrão patriarcal, e por mais que mulheres negras e brancas tivessem aspirações parecidas, as negras sempre ficavam em segundo plano, devido ao período escravista. Vários fatores levam ao preterimento das mulheres negras nas relações amorosas, como o local que o negro ocupa na sociedade e os estigmas que rodeiam a imagem da pessoa negra. Compreender esses fatores é fundamental para entender a inferiorização das mulheres negras dentro da sociedade. As dificuldades encontradas por este grupo nas relações afetivas estão ligadas à construção social (OLIVEIRA, 2019), e é de extrema importância frisar como a questão da construção social está relacionada à beleza. Para Rodrigues (2019), a beleza está mais relacionada à ideia de como foi construída socialmente do que relacionada à forma física, cor e outros fatores; como o ideal de beleza pode ser mutável, é importante refletir como o racismo impacta essa construção. De acordo com a autora, esse fator está ligado com o preterimento da mulher negra nas relações.

Nesse sentido, é importante analisar todo o processo social para assim compreender como o racismo funciona. Por isso, Souza (2021) fala da importância de conhecer o racismo e entender como ele se constrói e qual a sua lógica social (SOUZA, 2021). Para compreender este processo estrutural, é preciso perceber como ele afeta a autoestima, o autorrespeito e como ele destrói o reconhecimento social do indivíduo, surgindo como forma de manipulação social para beneficiar a classe privilegiada branca (SOUZA, 2021). Nesta perspectiva, o professor Almeida (2018) fala sobre o racismo estrutural, como a sociedade se estruturou de forma racista e como ela constituiu relações políticas, familiares e econômicas baseada nessa estrutura. Para Rodrigues (2021), o racismo estrutural se formou economicamente na política e nos padrões normativos, assim sendo forjado durante

anos. Por isso a importância de analisar o racismo em sua totalidade e, para isso, de acordo com Munanga (2009), é preciso entender o processo de construção da identidade a partir da tomada de consciência da pessoa negra. Esse grau de consciência é diferente para todas as pessoas negras, considerando os diferentes contextos que todos vivem. Ser negro é se apossar desta consciência e, a partir disso, criar uma nova consciência com dignidade e respeito (BARTOLOMEU; MAGALHÃES E OLIVEIRA, 2022).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto nesse estudo, pode-se concluir que a construção do Brasil é atravessada pelo racismo e que a discriminação racial segue presente até os dias de hoje. A construção da mulher negra heterossexual cisgênero, além de ser afetada pelo racismo, também passa pela cultura machista e patriarcal, assim trazendo consequências que afetam o âmbito das relações amorosas destas mulheres e a construção da sua identidade. O presente trabalho buscou identificar os impactos que o racismo causa na vida das mulheres negras frente às relações amorosas. E foi possível compreender, através da literatura, que a escravidão no Brasil marcou a história das mulheres negras e também como elas são vistas socialmente, tornando assim o racismo um problema histórico social que foi se naturalizando a partir das práticas sociais e que afeta vários âmbitos da vida do sujeito negro, bem como a construção da sua identificação social.

Por mais que o “racismo” seja um tema bastante atual, ainda se faz necessário que sejam realizados mais estudos sobre o assunto, visto que este é um processo que afeta profundamente a vida das pessoas negras e também a sociedade como um todo. Sendo assim, o tema racismo, voltado para a vivência das mulheres negras em sociedade, precisa ser mais investigado e debatido, considerando que o machismo atrelado ao racismo se torna pauta importante e que ocupa grande espaço social.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **Racismo Estrutural**. 1. ed. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

AMARAL, J. J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 2007. Disponível em <http://200.17.137.109:8081/xiscanoe/courses1/mentoring/tutoring/Como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf>. Acesso em: 29 de abril de 2022.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo - a experiência vivida**. 2. ed. Difusão europeia do livro. 1967.

BARTOLOMEU, J. V.; MAGALHÃES, A. B. e OLIVEIRA, A. A. V. **A construção de ser mulher negra num país dominado pelo machismo e racismo: revisão bibliográfica**. Goiânia: Revista Científica BSSP. 2022. Disponível em: <https://revistacientificabssp.com.br/article/62045708a9539558d02944e3>. Acesso em: 29 de abril de 2022.

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: 2007.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FERREIRA, R. F., & CAMARGO, A. C. **A naturalização do preconceito na formação da identidade do afro-descendente**. São Paulo: EccoS Revista Científica. 2001.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**. 8. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, Bell. **Vivendo de amor**. 1995. Disponível em: <http://www.olibat.com.br/documentos/Vivendo%20de%20Amor%20Bell%20Hooks.pdf>. Acesso em: 03 de abril de 2022.

MORAES, Fabiana. **No país do racismo institucional: dez anos de ações do GT Racismo no MPPE**. Recife. 2013. Disponível em: <https://www.mppe.mp.br/mppe/images/Livro10web.pdf>. Acesso em: 03 de abril de 2022. Acesso em: 03 de abril de 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude - Usos e sentidos**. São Paulo: Autêntica Editora, 2009.

PACHECO, A. C. L. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: EDUFBA, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16794/1/mulher-negra-RI.pdf>. Acesso em: 03 de abril de 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

RODRIGUES, Ana Lucia. **RACISMO E ANTIRACISMO NO BRASIL: O CASO DO EMPODERAMENTO DO FEMININO NEGRO**. Niterói, 2021. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwj__7YwNP2AhWTq5UCHVylDqwQFnoECAUQAQ&url=https%3A%2F%2Fapp.uff.br%2Ffriuff%2Fbitstream%2Fhandle%2F1%2F12440%2FTCC%2520%2520ANA%2520L%25C3%259ACIA%2520RODRIGUES.pdf%3Fsequence%3D1&usg=AOvVaw2VIS8OQtpNfres0yJqUyge. Acesso em: 16 de março de 2022.

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. São Paulo: 2012. Acesso em: 16 março de 2022.

SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra** – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. Dissertação. (Mestrado – Programa de pós-graduação em Ciências Sociais) – PUC-SP. 2008. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/wpcontent/uploads/2015/09/cp056761.pdf>. Acesso em 03 de abril de 2022.